

INFORMÁTICA EDUCATIVA EM ATO: FORMAÇÃO DE DOCENTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA EM TEMPOS DE EDUCAÇÃO ONLINE¹

Joelma Fabiane Ferreira Almeida²

Resumo

Este artigo apresenta os caminhos epistemológicos e metodológicos que perpassam minha pesquisa de doutorado, em que tenho investido na pesquisa-formação no contexto da cibercultura para compreender como formam e se formam os docentes da educação básica ao criarem atos de currículo mediados pelas tecnologias digitais em rede, em espaços plurais de aprendizagem. Como campo, apresento o Colégio Pedro II, onde trabalho como docente da disciplina Informática Educativa na educação básica. O objetivo principal aqui é narrar meus investimentos teóricos e práticos em busca da compreensão de como formam e se formam os docentes da educação básica envolvidos em processos formativos mediados pelas tecnologias digitais em rede, em espaços plurais de aprendizagem, *dentrofora*³ da escola. Nesse sentido, parto da ideia da elevação do fenômeno formação a um processo que se realiza em meio às ações curriculares e emerge sobretudo na experiência do professor enquanto sujeito que se autoriza na criação de atos de currículo na cibercultura. É fundamental perceber o conhecimento em sua incompletude, considerando as incertezas, os imprevistos, os fatos obscuros e suas controvérsias que também são reais e agregam sentido ao que se deseja compreender e legitimar como uma pluralidade de saberes dispostos numa mesma horizontalidade.

Palavras-chave: cibercultura, educação on-line, informática educativa, formação docente, redes educativas

1. Introdução

1.1. Caminhos de uma professora pesquisadora

As experiências vividas deixam suas marcas, e assumir-se “marcado”
é assumir-se implicado.
(Barbosa, 2012)

¹ Artigo apresentado ao eixo temático 11 – Educação a distância/Educação online/Métodos e processos pedagógicos

² Docente efetiva de Informática Educativa do Colégio Pedro II -RJ. Mestre em Educação pela UFPB. Doutoranda do Proped-UERJ. Membro do grupo de pesquisa Docência e Cibercultura, coordenado pela Professora Dra. Edmea Santos. Email: elma.faby.ane@gmail.com

³ No GPDOC nos inspiramos em Alves (2008) e adotamos esta forma de escrita para evidenciar os sentidos que buscamos superar qualquer menção dicotomizada aos temas e contextos relevantes à pesquisa. Assim, buscamos ir além da dicotomia natural como herança de práticas da ciência moderna, usando escritas conjuntas tipo fazerpensar, ensinaraprender, práticateoriaprática, para expressar certa força política de palavras embebidas de diversos e importantes sentidos.

Em nosso grupo de pesquisa, o GPDOC, acreditamos na importância de narrar o caminho que nos conduziu ao encontro com nossos objetos de estudo e que, principalmente, revela um pouco do que somos e acreditamos. Valorizamos a história de vida do pesquisador como parte importante de sua formação e, para além da noção de trajetória, com início, meio e fim fortemente balizados, vislumbramos no conceito de itinerância de Barbier (2002) a forma de narrar os percursos de nossas existências concretas, que se revelam aos poucos nos diversos itinerários que percorremos, nos diversos *espaçostempos* em que vivemos, sem que se tenha a exata noção de quando se encerra o caminho, porque essa noção de itinerância é concreta e inacabada.

Partimos da ideia que o caminho se forma e nos forma quando nele caminhamos, entre itinerâncias e errâncias, em que acertos e erros, certezas e incertezas nos conduzem a um constante movimento criativo e altamente formativo. Para Barbier (2002) o erro é sempre uma porta que se abre a novas reflexões e construções de itinerários. Minha pesquisa de doutorado hoje é certamente ora fruto de minhas itinerâncias e errâncias, ora um novo horizonte que a mim se revela pouco a pouco e cada vez mais interessante e desafiador.

Com a finalidade de contextualizar o investimento epistemológico, metodológico e político na pesquisa-formação na cibercultura, no contexto da multirreferencialidade e da pesquisa nos/dos/com os cotidianos, acredito ser importante apresentar uma breve narrativa de minha itinerância e os sentidos que me levam ao encontro com a temática apresentada neste artigo. Apresento como principal motivação a busca pela criação/compreensão de práticas e saberes curriculares teoricamente sistematizados no componente curricular *Informática Educativa* do Colégio Pedro II (CPII), no Rio de Janeiro.

Após alguns anos trabalhando como docente do ensino superior, em meados de 2013, em busca de maior estabilidade profissional, me submeti ao concurso público para docente efetivo do Colégio Pedro II (CPII), no Rio de Janeiro, e consegui a aprovação para atuar como Docente de Informática Educativa na educação básica, técnica e tecnológica desta importante instituição. E desde minha posse, já atuei na educação infantil, no Programa de Residência Docente e hoje atuo no ensino fundamental, como Coordenadora Pedagógica da Informática Educativa do Campus Engenho Novo I e na supervisão de estagiários do ensino médio profissionalizante de Informática.

No início de 2016, engajados com a formação de pesquisadores e docentes interessados na contextualização dos processos de ensino e aprendizagem para além do uso de ferramentas digitais, mas na perspectiva da criação colaborativa de dispositivos didáticos interativos e pedagogicamente adequados às necessidades da Educação Básica, eu e outros 7 professores (6 de Informática

Educativa e 1 de Sociologia) do Colégio criamos o Núcleo de Pesquisas e Práticas Pedagógicas em Educação Multimidiática – NuPPEM. O Núcleo traz como pressupostos a pesquisa e o desenvolvimento de estudos e projetos sobre a criação e o uso de artefatos educacionais multimidiáticos na contemporaneidade e as práticas de formação docente para atuar neste cenário cibercultural.

O retorno à educação básica me veio como um forte chamado para voltar meus olhares às necessidades educacionais cotidianas de um nível de educação ainda extremamente carente de melhorias. Apesar de ter ciência de estar numa instituição que apresenta condições privilegiadas de trabalho, o fato de estar lá, me faz refletir a educação básica brasileira como um todo. E assim, tenho me implicado cada vez mais com questões sobre a docência nas escolas.

Assim, como professora de Informática Educativa tenho criado dispositivos⁴ ciberculturais que me permitam formar e formar-me, na docência e na pesquisa, em busca da compreensão sobre como formam e se formam os docentes da educação básica envolvidos em processos pedagógicos mediados pelas tecnologias digitais em rede, em espaços plurais de aprendizagem.

1.2 Novos cenários sociotécnicos: escola e formação docente na Cibercultura

A Informática Educativa no Brasil tem despertado interesse de pesquisadores desde as décadas de 70 e 80, quando o cenário escolar era o da supervalorização do instrumental e da Instrução Programada por Computador (CAI) como meios de formar mão-de-obra qualificada aos moldes dos processos de desenvolvimento econômico praticados pelo país (OLIVEIRA, 2007). Na década de 90, do ponto de vista tecnológico, evoluímos para os *personal computers* e o acesso à Internet, mas as implicações com a Informática Educativa permaneciam focadas bem mais no uso do computador como ferramenta pedagógica do que em questões mais gerais como a formação de docentes, as novas relações destes com o conhecimento e a organização da escola para tornar possível práticas pedagógicas para além da automatização do ensino (VALENTE, 1997).

Embora a escola ainda fosse vista por muitos como um lugar onde o computador precisava ser implantado como uma ferramenta que chegasse para otimizar a Educação, neste mesmo período fomos contemplados com as obras de importantes estudiosos do assunto, a saber: Levy (1999) e seus conceitos acerca de *Cibercultura*; Castells (2008) e suas contribuições sobre a *Sociedade em Rede*. Estes e outros relevantes estudos marcam o início dos diálogos em busca de novos

⁴ Segundo Ardoino (2003), dispositivos são modos, recursos, meios através dos/nos quais os sujeitos expressam as noções das quais o pesquisador necessita para compreender os fenômenos.

paradigmas sobre a Informática Educativa imersa em contextos de Educação em tempos de cibercultura.

A evolução tecnológica dos sistemas e redes de comunicação vem interferindo diretamente na sociedade e provocando significativas mudanças nos modos de pensar, comunicar, agir e aprender das pessoas. Se a criação da Internet foi uma revolução na comunicação, a imersão humana no ciberespaço faz emergir constantemente novas formas de nos relacionarmos com o mundo: nossos hábitos, nossas culturas, as formas de conhecimento e de comunicação e, inclusive, as formas de perceber esse mundo migraram de uma condição de uso, armazenamento e processamento de dados, para relações complexas e potenciais de conexão, cocriação e interatividade na interface cidade-ciberespaço.

Refletindo a educação, à luz dessas transformações e relembando as antigas tradições, recordo que há pouco tempo acreditava-se que a escola tinha a tarefa exclusiva de proporcionar a aprendizagem de informações e conceitos, que a formação era uma espécie de propriedade privada da pedagogia. Os conhecimentos teóricos eram, aos poucos, apresentados pelos mestres aos alunos. Eram antinômicos, finitos e determinados. Ao final de um determinado grau de escolarização, considerava-se que o aluno estava formado, pronto para assumir uma profissão. A escola era capaz de, por si só, garantir a cada pessoa o conhecimento suficiente para viver em sociedade, desde que a pessoa se deslocasse ao encontro da escola.

O cenário político e social brasileiro é complexo e conflituoso e se encontra imerso na cultura do digital em rede. Estamos diante de uma nova configuração nas formas de comunicar os fatos e expressar nossas dúvidas e opiniões. Essa conjuntura nos apresenta o potencial de uma realidade em que as relações humanas ganham nova dimensão e sentido quando mediadas pelas tecnologias e redes digitais. Política, ciência, formação, tudo está em rede. Para além do avanço na capacidade de armazenagem de dados e na velocidade com que são processados, a evolução das tecnologias digitais e das redes interativas de informação e comunicação têm ressignificado costumes, culturas, maneiras de refletir o mundo e de aprender.

Antigas noções expressas em termos como “terminar os estudos” ou “estar formado”, por exemplo, ganharam novos sentidos e passamos a um momento que o conhecimento é abundante e parece estar muito mais acessível. Ainda que vivamos num mundo globalizado, mas desigual, o acesso às informações é constante e abundante. Para além de ser emitido, este agora pode ser cocriado, compartilhado, modificado em quantidade e velocidade nunca antes vivenciadas. Para além de questões disciplinares e do currículo instituído, o conhecimento não está somente dentro das salas de aula, mas está na Rede e na vida das pessoas *dentrofora* da escola. Em nenhum outro tempo as pessoas leram e escreveram publicamente e com tanta facilidade.

Na cultura contemporânea, pensar a escola enquanto espaço de formação em tempos de mobilidade e ubiquidade, me leva a hipótese de uma escola mais aprendente que ensinante. Considerando a Internet como uma mídia interativa e a atuação humana no ciberespaço, as experiências que as redes digitais nos permitem vivenciar, de experimentar o “tempo real” e o “conhecimento por simulação”; de participar de comunidades virtuais e de fóruns planetários; de estudarmos e nos formarmos em cursos superiores a distância, coloca-nos diante do desafio de acompanhar o imenso fluxo de linguagens no qual estamos imersos, ou de, pelo menos, sermos capazes de lidar com a contínua e acelerada transformação tecnológica e suas consequências para a vida no mundo.

Neste artigo, parto da ideia de que a formação docente se dá em redes educativas múltiplas (Alves, 2010) cujas articulações entre si são potencializadas na/pela cibercultura. Para compreender a cibercultura, busco inspiração em Levy (1999), Lemos (2004) e Santos (2014) cujas abordagens acerca desse conceito dialogam entre si, transcorrendo sobre a cultura contemporânea mediada pelas tecnologias digitais em rede e caracterizada pelo conjunto de produções culturais e fenômenos sociotécnicos emergentes das relações de coautoria entre seres humanos e artefatos tecnológicos; em que as pessoas estão em constante e potencial processo comunicacional, perpassando pelo sentimento de conexão generalizada instaurada pelas redes digitais.

Passamos pela web 1.0, em que quem acessava era “usuário” e mero receptor/leitor de conteúdos inalteráveis e pela web 2.0, em que vivenciamos mais *interatividade* (SILVA, 2006) e o surgimento de novas perspectivas comunicacionais presentes em blogs, wikis e redes sociais digitais. Atualmente, em tempos de web 3.0, somados à interatividade, à convergência tecnológica, à intensificação da conectividade e aos sentidos que emergem em nossas vidas através dos usos que fazemos dos computadores como máquinas semânticas (SANTAELLA, 2010), vivemos em tempos de mobilidade e ubiquidade. Fortemente marcadas pela comunicação em deslocamento, essas configuram a possibilidade de estarmos em diferentes *espaçostempos pensadosvividos* em acessos e interações com/através de tecnologias multifuncionais, como tablets e smartphones.

Levy (1999) sinaliza a cibercultura como a transformação cultural mais veloz da civilização e acredita na necessidade de um olhar mais apurado e a longo prazo para compreendermos as transformações *criadasvivas* por uma geração interconectada. Em tempos de web 3.0 conhecimentos específicos de linguagens como HTML, por exemplo, já não são mais a condição essencial para que se produza e disponibilize conteúdos em/na rede. Isso não significa porém, que as formas de interação em rede tenham se tornado mais simples. Novos arranjos espaço temporais surgiram e com/neles, aflorou uma inteligência altamente variável e coletiva (Levy, 1999). Acredita-se que a cibercultura veio ampliar o potencial cognitivo e comunicativo da contemporaneidade,

possibilitando aos sujeitos atuarem como coautores da cultura social que se fortalece nas práticas coletivas de comunicação e cocriação em rede. Nela não há sentido no caráter uno, individualista, dos sujeitos, podendo ser considerada como um imenso universo, multi, que comporta diferentes realidades.

Para Lemos (2010) as pessoas estão em constante e potencial processo comunicacional, perpassando pelo sentimento de conexão generalizada instaurada pelas redes digitais, em que o polo da emissão está liberado a tal ponto que emissor e receptor se confundem num movimento de constante coautoria no consumo, criação e distribuição de informações. Votação eletrônica, imposto de renda *online*, serviços de *homebanking*, manifestações que se organizam em redes sociais digitais, compras *online* e, inclusive, escolas e educação *online* são exemplos de que viver nas cidades contemporâneas perpassa por esse sentimento (Lemos, 2004).

Nesse ambiente cultural imerso na interconexão mundial de tecnologias digitais, todo sujeito pode ser um praticante cultural que aciona meios de cocriação, acesso, captura e modificação de conteúdos; disponibiliza informações em vez de só recebê-las; cria comunidades pautadas em interesses comuns que mobilizam e coletivizam saberes, negando a condição de mero espectador da mídia de massa. Assim, corroboro a noção de que a cibercultura é sobretudo um fenômeno humano, tal como alguns estudiosos da área afirmam, mediante os usos que fazemos dessas tecnologias. Rocha (2012, p.31) reforça essa ideia:

A cultura contemporânea mediada pelo digital em rede, cibercultura, traduz formas de se estar no ciberespaço e nas cidades, com suas técnicas, práticas, atitudes, navegações, mas principalmente com tudo aquilo que é do humano: valores e crenças, tanto quanto virtudes e errâncias. As expressões que estão no ciberespaço são expressões de nós mesmos, com todas as contradições presentes em nossa realidade. As tecnologias digitais em rede não são atores autônomos, separados da sociedade e da cultura na qual estão imersos, o ser humano não pode estar separado de seu ambiente material, por meio do qual atribui sentidos à sua vida cotidiana.

Santos (2014) também nos revela que a cibercultura enquanto fenômeno cultural humano permeado pelos usos que fazemos/praticamos das tecnologias e redes digitais precisa chegar na escola tal como ela é. Assim, acredito que como professora de IED é meu papel ajudar a escola a pensar e instituir programas de formação docente que abordem as tecnologias digitais em rede, para além do uso como apoio ao ato pedagógico e mais numa perspectiva de inclusão cibercultural⁵.

⁵ Busco fundamento em Santos (2014) ao entender a inclusão digital do docente como a sua condição de estar apto a usar o computador, softwares e recursos digitais que permeiam a cibercultura e a inclusão cibercultural como uma condição para além de usuário, configurando algo mais que somente usar tecnologias digitais ou preparar pessoas para usá-las; algo como apropriar-se do novo paradigma cultural para ser sujeito das suas próprias práticas e formas de atuar no espaço e no ciberespaço.

Segundo Santaella (2004), vivemos o ato em que todas as linguagens são acolhidas pelos dígitos. Toda tecnologia é uma tecnologia de linguagem, que transforma a linguagem em si e, conseqüentemente, as nossas habilidades mentais. Esse caráter plural, aflora a necessidade de uma compreensão das invenções dos sujeitos através do diálogo multirreferenciado, que nos ajude a entender espaços plurais de docência, formação e pesquisa na cibercultura.

Daí a necessidade de alguém mediar as relações humano-tecnológicas, sobretudo aquelas em que crianças e jovens atuam, que se estabelecem na cibercultura. Acredito que esta mediação seja um dos papéis principais do professor, que também precisa se perceber não como o “comandante” dos processos educativos em rede, mas como um integrante dessa rede, responsável por cocriar, gerir e mediar ambiências pedagógicas que extrapolem o mero uso de tecnologias ao aproximarem as noções de educação e cultura. Não uma cultura a ser pedagogizada ou explicada, mas que seja vivenciada e refletida na/pela escola tal como ela é.

Sabemos que para além da preocupação em disponibilizar o acesso às tecnologias digitais em rede, a escola precisa se preocupar com atos formativos de inclusão de seus sujeitos na cibercultura. Acredito que a perspectiva do trabalho com Informática educativa como “tecnologia educacional” ou “apoio a outras disciplinas e áreas de conhecimento” ou ainda” metodologia de apoio a projetos interdisciplinares”, como ouço de alguns docentes que atuam junto comigo, é uma abordagem mecanicista e instrumental. E assim justifico meu interesse em compreender a Informática praticada no CPII, com vistas a mudar as relações de aprendizagem mediadas pelas tecnologias e redes digitais da condição de disciplina para um saber transversal, tal como é na vida.

Nesse sentido, pensar a formação de docentes que atuam nas escolas reflete a necessidade de estabelecer políticas institucionais de formação contínua desses profissionais que não separem a cultura contemporânea do currículo escolar e que aconteçam não só durante os cursos na Universidade, mas, sobretudo, no seu local de trabalho. Dai levanto a hipótese de que seja o momento de pensarmos um papel para a Informática Educativa no Colégio Pedro II mais na perspectiva de mediação dos processos de autoria e inovação pedagógica na cibercultura, que explore em toda a escola as questões sociotécnicas envolvidas no ato de educar na interface escola-ciberespaço de nosso tempo; atuando diretamente na formação dos professores para criarem projetos educativos e de pesquisa que explorem as potencialidades interativas atuais, a saber: ambientes virtuais de aprendizagem, softwares de autoria compartilhada e pedagogias que sirvam-se de redes sociais e aplicativos, por exemplo.

Neste contexto, o foco é a rede! Concordando com Santos (2014), o ator é a rede de professores, de alunos (todos praticantes culturais de nosso tempo) e de dispositivos técnicos, cocriando, colaborando e compartilhando na interface escola-cidade-ciberespaço. Mas, uma vez que falo da formação docente, é relevante pensar e analisar o papel do professor neste cenário. Há um conjunto de novos saberes e competências necessários a esses profissionais da Educação, em meio as potenciais mudanças que as tecnologias digitais em rede geram nas ações humanas mais corriqueiras. Ao caminhar na/com a cibercultura, a Educação leva os professores a buscar meios de acompanhar as evoluções sócio-técnicas e acredito que isso seria impossível de ser totalmente contemplado somente durante os cursos de graduação. As escolas precisam instituir programas de formação docente que abordem as tecnologias digitais em rede.

2 Sobre fazer pesquisa-formação na cibercultura: Informática Educativa *dentrofora* do Colégio Pedro II

O objetivo principal aqui é narrar meus investimentos teóricos e práticos em busca da compreensão de como formam e se formam os docentes da educação básica envolvidos em processos formativos mediados pelas tecnologias digitais em rede, em espaços plurais de aprendizagem, *dentrofora*⁶ da escola. Tal empreendimento faz parte de minha pesquisa de doutorado em que tenho investido na criação/compreensão de práticas e saberes curriculares teoricamente sistematizados no componente curricular *Informática Educativa* do Colégio Pedro II - CPEI, no Rio de Janeiro, onde atuo como docente. Tenho buscado a atuação simultânea como pesquisadora e professora, nas perspectivas da escola enquanto espaço de formação e da pesquisa-formação como método de formar e formar-me, ensinando e fazendo pesquisa com e na ação (Santos, 2014; Macedo, 2006).

E aqui apresentarei parte de algumas noções que têm emergido no cotidiano da pesquisa, manifestas em questões como: quais iniciativas estão sendo criadas/praticadas por docentes na perspectiva da cibercultura e da educação on-line? Como podem ser criados ambientes pedagógicos na interface cidade-ciberespaço e em contextos multirreferenciais de aprendizagem, que potencializem a autoria dos docentes com vistas à prática da Informática Educativa como uma linguagem da cibercultura?

⁶ No GPDOC nos inspiramos em Alves (2008) e adotamos esta forma de escrita para evidenciar os sentidos que buscamos superar qualquer menção dicotomizada aos temas e contextos relevantes à pesquisa. Assim, buscamos ir além da dicotomia natural como herança de práticas da ciência moderna, usando escritas conjuntas tipo fazerpensar, ensinaraprender, práticateoriaprática, para expressar certa força política de palavras embebidas de diversos e importantes sentidos.

Fazer pesquisa-formação é buscar formas de compreensão da realidade num constante movimento de interpretação das expressões que emergem nos/dos processos comunicativos entre os praticantes⁷. Minha intenção é sair da ideia do “é isso ou aquilo” e passar para “é isso, é aquilo e aquilo outro também”, numa perspectiva cotidianista de não buscar entender o que está certo ou errado, mas sim o que “é” (realidade), em ato e em potência. Assim, invisto no diálogo epistemológico com a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, em que adoto como referência Alves (2008), entendendo como essencial a compreensão dos acontecimentos culturais e dos modos como os praticantes se relacionam com os artefatos ciberculturais.

Coloco-me nesse processo como uma docente-pesquisadora que busca o compreender com e não sobre, atuando numa mesma horizontalidade dos sujeitos-praticantes desta pesquisa, com o diferencial de buscar manter olhares e ouvidos sensíveis aos fenômenos. Para “mergulhar com todos os sentidos” (ALVES, 2008, p.17) nesse estudo e fazer emergirem ambiências formativas, seus registros e narrativas, buscarei as articulações necessárias às respostas que busco e ao nascimento de novas questões e desafios.

Assim, ao conceber a educação on-line como um fenômeno da cibercultura, caracterizado pelo “conjunto de ações de ensino-aprendizagem mediadas por interfaces digitais que potencializam práticas comunicacionais interativas, hipertextuais e em mobilidade”. (Santos, 2014, p. 63), realizei no Colégio Pedro II uma oficina de “Formação de docentes para Educação a distância: a docência online em foco”. Recém concluída, foi um *espaçotempo* de cocriação de ambiências presenciais e *online* que nos permitiu dialogar com docentes e técnicos do CPII sobre temáticas como: EaD na educação básica em tempos de cibercultura, possibilidades e desafios; conceito de docência on-line; *teoriaspráticas* de criação de desenhos didáticos na plataforma Moodle e possibilidades de trabalho com/através das tecnologias digitais, buscando a aprendizagem colaborativa na educação básica.

Sobre as narrativas que emergiram nas conversas e interações presenciais e on-line que serão analisadas, encontro no diálogo com Morin (1999) e Ardoino (2003) as perspectivas da complexidade e a dimensão “multi” dos fenômenos aleatórios, entendendo que o conhecimento a ser compreendido não deve ser visto de forma isolada, como um instrumento, mas sim como um sistema complexo considerado em sua ambiência. Assim, vejo nesses diálogos multirreferenciais um caminho rumo à compreensão das práticas docentes que mudam (ou não) a Informática Educativa da condição de disciplina para uma linguagem da cibercultura e um saber transversal de nosso tempo.

⁷ Termo criado por Certeau (1994) para mencionar aqueles que vivem as práticas cotidianas. (ALVES, 2003).

Nesse contexto, trago também como um exemplo de fenômeno cibercultural as manifestações que têm se organizado nas redes sociais acerca de decisões e fatos ocorridos no CPII. Discussões sobre a retirada da identificação de gênero do uniforme escolar e a ocupação de vários campi por alunos contra o “Movimento Escola sem Partido” e a “Reforma no Ensino Médio” têm sido motivo de manifestações de ódio e repúdio ao Colégio e às práticas de seus docentes (imagem 1). Imagens e narrativas têm sido criadas nas redes sociais e se estendem a manifestações ocorridas em espaços da cidade. Não se pode negar o fato que esses fenômenos perpassam o cotidiano do Colégio e têm sido contemplado nas práticas de seus docentes (aqui me incluo novamente).

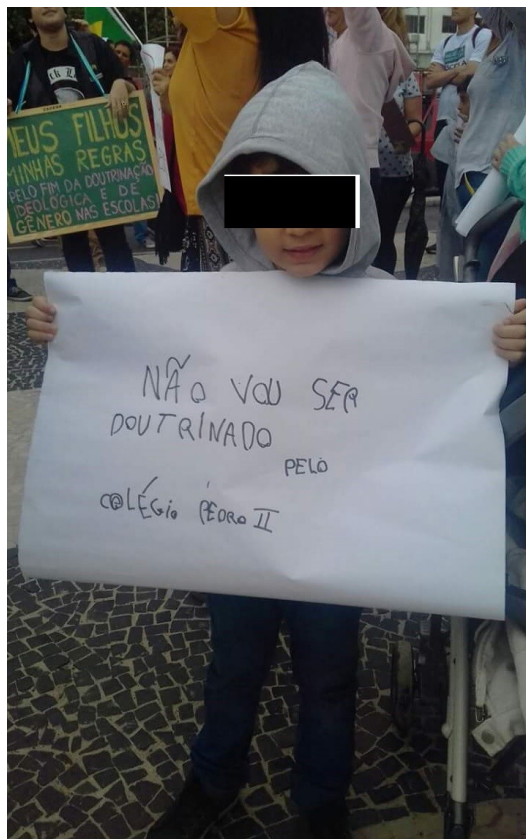


Imagem 1: Criança em manifestação de responsáveis por alunos do Colégio Pedro II contra a retirada de identificação de gênero do

Pesquisar as relações entre formação e currículo, num momento em que o Brasil vivencia o Movimento estudantil ocupando escolas e instituições de ensino superior e a mobilização de

servidores públicos em greve contra reformas em leis que abrangem o investimento em Educação e o currículo da Educação básica, me conduz para um envolvimento ainda mais implicado com minha pesquisa. Para justificar tal implicação, me reporto às noções de *fragmentações e simplificações* (Macedo, 2011) para compreender o momento político pelo qual estamos passando como o resultado de uma visão fragmentada da realidade, numa perspectiva perversa de medidas que parecem surgir da análise das partes pelo todo e que tentam agir sobre uma pretensa verdade totalizada que nos é imposta. A visão fragmentada de uma realidade complexa acarreta prejuízos irreparáveis, como analisa Macedo (2011, p. 21):

Nas asas das fraturas epistemológicas chegam as simplificações, ou seja, as visões parciais da realidade, as explicações atomistas do mundo. Simplifica-se a economia reduzindo-a ao cálculo, com prejuízos sociais e humanos incomensuráveis diante desta perspectiva perversa de compreender e realizar as ações econômicas onde vidas humanas e processos de exclusão históricos estão implicados.

Ao me inserir nesses movimentos, antes de tudo, por acreditar no poder que temos de *re-existir* com nossos diálogos e práticas que se opõem a imposições que possam de alguma forma comprometer nosso engajamento com a educação de qualidade como direito do cidadão, tenho aprendido muito sobre a importância desses movimentos na minha formação (imagem 2). Essa consciência crítica e política que emerge em atos coletivos de luta potencializados pela mediação das tecnologias digitais em rede tem me aproximado ainda mais do meu trabalho, do meu objeto de estudo e dos sujeitos da pesquisa, além de fortalecer meu compromisso implicado com uma pesquisa de doutorado que me ajude a compreender o lugar do docente (e aqui eu me incluo) na construção de uma sociedade crítica e colaborativa, ao refletir nossas formações como fenômenos vivos nessa realidade.



Imagem 2: Ato contra Projetos do Governo PEC 55 e PLP 257 em frente ao Colégio Pedro II, RJ, Nov./2016.

Mas, a situação de ódio muda de rumo quando uma professora do Ensino Fundamental I cria uma página no Facebook chamada *EuDefendoOCPII* (imagem 3) e mobiliza, em menos de dois dias, mais de cinco mil narrativas/declarações de amor ao Colégio Pedro II. São manifestações materializadas em diversas linguagens (textos, vídeos, imagens, gifs, sons) em prol de um objetivo comum e que acabam fomentando a organização de outros eventos que começam na página criada on-line, mas que se materializam em diferentes espaços da cidade, como foi por exemplo o “Abraço ao Colégio Pedro II”, ocorrido em quase todos os Campi do Colégio, em que servidores e seus familiares, alunos, ex alunos e seus responsáveis deram as mãos para contornar o campus, num simbólico abraço. Enquanto o ato ocorria, diferentes registros foram gerados e disponibilizados em tempo real na página *EuDefendoOCPII*, disparando novas narrativas, num diálogo cibercultural constante e interativo que perpassa a realidade da Instituição.



Imagem 3: Página no Facebook criada por Professora de Primeiro Segmento do Colégio Pedro II para promover uma campanha de defesa contra ataques sofridos pelo mesmo.

Fonte: capturada em

<https://www.facebook.com/groups/1724982011161732/?>

[multi_permalinks=1731847067141893¬if_t=group_highlights¬if_id=1478049835767445](https://www.facebook.com/groups/1724982011161732/?multi_permalinks=1731847067141893¬if_t=group_highlights¬if_id=1478049835767445)

A imagem (4) a seguir mostra na narrativa da professora criadora da página *#EuDefendoOCPII* a força do espírito cocriativo da cibercultura e do potencial que se estabelece na conexão generalizada e na liberação do polo da emissão. Esse ato tem gerado reflexões e mobilizações no Colégio Pedro II como um todo, chegando a habitar de camisetas às páginas (sites) oficiais da Instituição, assembleias e reuniões. Tal fenômeno corrobora que o humano, enquanto ser social, capaz de agir na realidade, transformando-a e transformando-se pode criar artefatos culturais capazes de transformar sua relação com o mundo e que a formação docente pode e precisa acontecer em espaços plurais de aprendizagem.

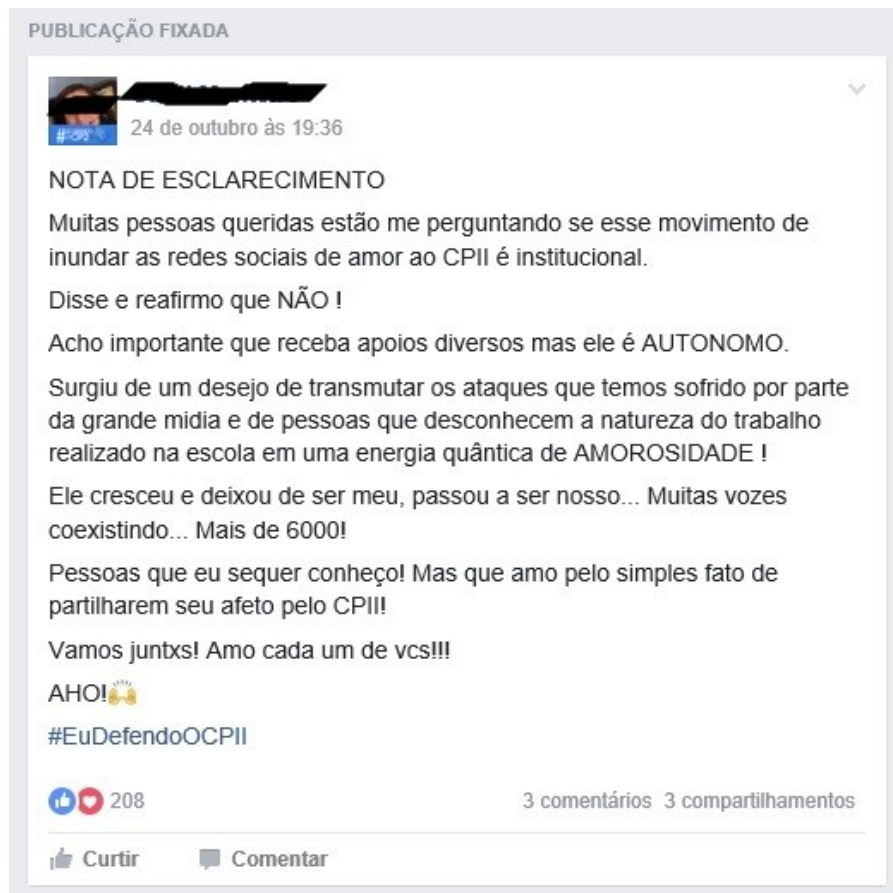


Imagem 4: nota de esclarecimento emitida pela professora criadora da página *#EuDefendoOCPII*

Fonte: capturada em

[https://www.facebook.com/groups/1724982011161732/?](https://www.facebook.com/groups/1724982011161732/?multi_permalinks=1731847067141893¬if_t=group_highlights¬if_id=1478049835767445)

[multi_permalinks=1731847067141893¬if_t=group_highlights¬if_id=1478049835767445](https://www.facebook.com/groups/1724982011161732/?multi_permalinks=1731847067141893¬if_t=group_highlights¬if_id=1478049835767445)

Um outro interessante exemplo de prática cibercultural que emerge nesse cenário é a criação de um aplicativo que reúne informações sobre a greve dos servidores do Colégio Pedro II e os movimentos de ocupação de seus campi (imagem 5). Esse dispositivo foi criado por outra docente do Colégio com o objetivo de juntar as agendas de todos os campi e informações sobre a conjuntura de lutas de alunos e servidores. O que chama atenção não é somente o artefato em si, mas principalmente a iniciativa da professora, que é um ato totalmente imerso na cibercultura, a perspectiva colaborativa de seu funcionamento e os fenômenos que têm emergido nos seus usos.



Imagem 5: Aplicativo criado por docente de Informática Educativa do Colégio Pedro II para reunir as agendas e informações sobre os movimentos de greve de servidores e ocupação dos campi.

Fonte: criado pela autora a partir da captura de tela no seu celular

Em conversa com a professora criadora do dispositivo, ela narrou que está surpresa com a autonomia do aplicativo e que tem se inquietado com a seguinte questão: “de quem é o aplicativo agora? Eu não sei. O aplicativo, ele não é meu mais” (fala da Professora). Uma vez que o mesmo vem sendo alimentado/cocriado pelos sujeitos que inserem as informações sobre os movimentos através da Agenda do Google Drive e do acesso às páginas de redes sociais de cada movimento por campus, percebe-se a colaboração na circulação das informações pelo/atraves do aplicativo sem a necessária interferência de quem o criou.

Eis novamente mais um ato docente em que emergem questões que nos fazem refletir as relações entre a liberação do polo da emissão (como também vimos na fala da professora que criou a página EuDefendoOCpII, na imagem 8) e a potencialização de coautorias em *espaçostempos* ciber culturais. Nos dois casos temos docentes agindo intencionalmente, como praticantes situados, não-indiferentes e que pensam suas experiências no mundo. Ressalto aqui a noção de ato que Macedo (2011, p. 44 e 45), inspirado em Bakhtin, assim explica: “[...] ação situada, a que é atribuído um sentido no momento mesmo em que é realizada. [...] Trata-se da ação concreta, ou seja, inserida no mundo vivido, intencional, praticado por alguém situado”.

Acredito que a formação de professores precisa contemplar fenômenos como esse e outros tantos que emergem o tempo todo na cibercultura. A Informática praticada nesse contexto é objeto de estudo da minha pesquisa de doutorado. Assim, aposto na relevância de realizar estudos científicos imersos nas práticas do atual cenário político e cultural da sociedade em rede. Ao pensar o conhecimento com fins de compreendê-lo à luz do diálogo epistemológico entre a pesquisa-formação na cibercultura e os cotidianos, tenho aprendido ser fundamental percebê-lo em sua incompletude, considerando as incertezas, os imprevistos, os fatos obscuros e suas controvérsias que também são reais e agregam sentido ao que se deseja compreender e legitimar como uma pluralidade de saberes dispostos numa mesma horizontalidade.

Referências

ALVES, Nilda. **Cultura e cotidiano escolar**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.23, p. 62-74, maio/ago. 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000200005&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 24 de setembro de 2016.

_____. Decifrando o pergaminho – cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda e BARBOSA, Inês (orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**. 3 ed. Petrópolis: DP&A, 2008.

_____. Redes educativas ‘dentrofora’ das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: SANTOS, Lucíola, DALBEN, Ângela e LEAL, Júlio D. L. (Orgs.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: Currículo, Ensino de Educação física, Ensino de Geografia, Ensino de História, Escola, Família e Comunidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010: 49-66.

ARDOINO, Jacques. **Para uma pedagogia socialista**. Brasília: Plano Editora, 2003.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Plano Editora, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

- LEMOS, André. (org.) **Cibercidade. A Cidade na cibercultura**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2004.
- LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da Internet: em direção a uma ciberdemocracia**. São Paulo: Paulus, 2010.
- MACEDO, Roberto S. **Etnopesquisa crítica Etnopesquisa-formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.
- MACEDO, Roberto S. **Atos de currículo formação em ato?** para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação. Ilhéus, BA: Editus, 2011.
- MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- OLIVEIRA, Ramon de. **Informática educativa: dos planos e discurso à sala de aula**. 13 ed. Campinas, SP: Papirus, 2007.
- SANTAELLA, Lucia. Sujeito, subjetividade e identidade no ciberespaço. *In: LEÃO, Lúcia (orgs.). Derivas: cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Annablume; Senac, 2004.
- _____. **Ecologia pluralista da comunicação / conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus, 2010. – (Comunicação) ISBN 978-85349-3212.
- SILVA, Marco. **Sala de aula interativa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2002.
- SANTOS, Edméa O. **Pesquisa-formação na cibercultura**. 1 ed. Santo Tirso: Whitebooks, 2014.
- ROCHA, Aline A. W. N. da. **Educação e cibercultura: narrativas de mobilidade ubíqua**. Rio de Janeiro, RJ, 2012, 58p. Mestrado (Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- VALENTE, José A., ALMEIDA, Fernando J. Visão analítica da Informática Educativa no Brasil: A questão da formação do professor. **Revista Brasileira de Informática na Educação**. Vol.1,número 1, 1997. Disponível em: <http://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/2324>. Acesso em 07/09/2016.